

EDIÇÃO ESPECIAL 50 ANOS

FEV 2026

Notí- cias



PORTU
GUESE
SHOES
APICCAPS

50
anos

FICHA TÉCNICA	DIRETOR	EDIÇÃO	CONCEÇÃO GRÁFICA	DISTRIBUIÇÃO
PROPRIEDADE APICCAPS - Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos	Presidente da APICCAPS FOTO DE CAPA Ricardo Santos	Gabinete de Comunicação da APICCAPS claudiapinto @apiccaps.pt	Manifesto Works	Gratuita aos associados TIRAGEM 1.000 exemplares
Rua Alves Redol, 372 4050-042 Porto Tel 225 074 150 geral@apiccaps.pt www.apiccaps.pt				N.º DL: 366612/13

Luís Onofre
**PRESIDENTE
DA APICCAPS**

50

anos

PORTU
GUESE
SHOES
APICCAPS

Ao longo dos últimos 50 anos, a APICCAPS tem desempenhado um papel determinante na consolidação e evolução da indústria portuguesa do calçado. Desde a sua fundação, em 1975, a Associação assumiu-se como uma estrutura de referência na organização do setor, promovendo a modernização das empresas, a qualificação dos profissionais e a afirmação internacional do “made in Portugal”.

Um dos marcos mais relevantes deste percurso foi, sem dúvida, a elaboração do primeiro plano estratégico da indústria, em 1978. Num contexto económico particularmente exigente, aquele documento pioneiro permitiu estabelecer, pela primeira vez, uma visão integrada para o setor, identificando desafios prioritários, definindo orientações comuns e estabelecendo metas de competitividade que marcaram decisivamente as décadas seguintes. Foi um exercício de transparência, rigor e ambição. E foi, sobretudo, o ponto de partida para uma cultura de planeamento estratégico que a APICCAPS tem vindo a aprofundar de forma contínua.

Desde então, a Associação assumiu-se como um agente estruturante na definição da estratégia nacional para o calçado, promovendo a inovação tecnológica, a qualificação dos recursos humanos, o investimento em sustentabilidade, e a internacionalização das empresas. Ao longo de sucessivos planos estratégicos, a APICCAPS consolidou uma abordagem de longo prazo que permitiu ao setor renovar-se, ganhar escala competitiva e afirmar-se como uma referência à escala global.

Importa reconhecer que este percurso não teria sido possível sem a forte coesão empresarial que caracteriza o setor e sem a capacidade de diálogo que sempre distinguiu a Associação. A APICCAPS soube, ao longo de cinco décadas, interpretar as necessidades da indústria, antecipar tendências internacionais e construir, com os seus associados e parceiros institucionais, soluções que contribuíram decisivamente para o crescimento sustentado do setor.

Hoje, num contexto global profundamente marcado pela transformação digital, pela emergência de novos modelos de consumo e pelos imperativos da sustentabilidade, a APICCAPS mantém o mesmo compromisso: apoiar as empresas, reforçar a competitividade coletiva e assegurar que a indústria portuguesa do calçado continue a ser sinónimo de qualidade, inovação e responsabilidade.

A história destes 50 anos mostra-nos que, sempre que atuámos de forma concertada, fomos capazes de superar desafios e construir oportunidades. É com essa mesma convicção que prosseguiremos o nosso trabalho, garantindo que o setor permanece um motor de desenvolvimento económico, social e territorial para Portugal.

Mensagem de Sua Excelência o **PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

PORTUGAL TEM UMA TRADIÇÃO SECULAR NA INDÚSTRIA DO CALÇADO.

Mas, quando hoje falamos na indústria do calçado, já ninguém a associa a uma indústria tradicional, de pequenas fábricas familiares, intensiva em mão de obra e de baixos salários. Pelo contrário, pensa num setor moderno, tecnologicamente avançado, fortemente exportador e reconhecido mundialmente pela qualidade e sofisticação dos seus produtos. O célebre Relatório Porter que há três décadas o identificou como um dos clusters industriais estratégicos do país e destacou o seu enorme potencial para o desenvolvimento económico, foi um incentivo à mudança. E a verdade é que se revelou um extraordinário exemplo de sucesso.

A aposta contínua na inovação e na qualificação dos recursos humanos, permitiu o florescimento de uma indústria capaz de aliar processos tradicionais e artesanais às soluções mais inovadoras, com um foco crescente

na qualidade. O resultado foi um setor com forte vocação exportadora e marcas de prestígio, nacionais e internacionais, que colocaram Portugal entre os melhores do mundo.

A APICCAPS tem sido o rosto visível, o cimento e o motor desta dinâmica empresarial que tornou o setor do calçado português internacionalmente conhecido, reconhecido e respeitado. Esteve presente nos primeiros passos, no período pós-Revolução, com a difícil organização patronal numa indústria de milhares de micro e pequenas empresas. Esteve presente na adesão à União Europeia, num contexto de fim do protecionismo e de novas exigências legislativas. E esteve presente nas respostas que foi necessário encontrar para enfrentar a concorrência internacional e as sucessivas crises - económicas, pandémicas e geopolíticas - que marcaram as últimas décadas.

Estão por isso de parabéns todos os empresários que, com o seu trabalho e visão, contribuem diariamente para estes resultados, e a APICCAPS, por ter sido peça fundamental na consolidação

de uma indústria que amadureceu, diversificou a sua cadeia de valor, se internacionalizou e se tornou essencial para a economia nacional. Este percurso notável só podia ter o reconhecimento do país, motivo pelo qual vos condecerei com o título de Membro Honorário da ordem do Mérito no passado dia 24 de julho.

São ainda muitos os desafios que se vos colocam: a sustentabilidade, a mudança nas preferências dos consumidores e nos canais de distribuição, a escassez de mão de obra e a emergência de novos concorrentes. Mas acredito firmemente que saberão, como sempre souberam, transformar as ameaças em oportunidades e responder a um mercado cada vez mais complexo e exigente, continuando a levar o nome de Portugal a cada vez mais geografias e contribuindo para o crescimento económico do país.

Os meus parabéns à APICCAPS e a todos os que fazem desta indústria uma referência de sucesso, inovação e prestígio para Portugal.





Publicação comemorativa dos 50 anos da APICCAPS

PRIMEIRO- -MINISTRO

Em 2025, celebramos o 50.º aniversário da APICCAPS – Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos. São cinquenta anos de visão estratégica e de um contributo inegável para o desenvolvimento económico e imagem de Portugal.

O setor do calçado personifica a excelência do melhor que se desenvolve no país, onde a tradição artesanal se alia à inovação, ao design de vanguarda e à sustentabilidade. Reconhecido mundialmente pela sua qualidade e elegância, o calçado português soube com mestria renovar-se permanentemente.

Para esta renovação contínua, a APICCAPS desempenhou um papel crucial, estimulando a criatividade, impulsionando a inovação e promovendo a internacionalização da indústria.

A indústria do calçado é um pilar incontornável da economia nacional. Este Governo continuará empenhado em garantir que o setor do calçado se mantém na liderança, enfrentando os desafios colocados pelo contexto internacional.

Assinalar o 50.º aniversário da APICCAPS é reconhecer o seu legado e a força do associativismo português. A APICCAPS tem sido um motor fundamental na transformação e modernização do setor, promovendo uma visão estratégica baseada na inovação, na sustentabilidade e na qualificação dos recursos humanos.

Com a força das suas campanhas promocionais, a APICCAPS reforçou a competitividade das empresas nacionais e consolidou a posição da indústria do calçado português como “The Sexiest Industry in Europe”.

Parabéns, APICCAPS, pelos cinquenta anos de história!

M. Castro Almeida

MINISTRO DA ECONOMIA E DA COESÃO TERRITORIAL

O SETOR QUE LUTA PELA LIDERANÇA MUNDIAL

São várias as razões por que o setor do calçado é muito importante para o país. A primeira é óbvia: a indústria portuguesa tem o segundo preço médio de pares de sapatos mais alto do mundo, atrás da Itália.

Não há muitas áreas industriais em que Portugal esteja no pódio: a cortiça, os papéis de escritório, algumas mais. Mesmo entre estes casos, porém, os sapatos portugueses distinguem-se, uma vez que a sua luta pela liderança mundial é feita com base no design, no alinhamento com as tendências globais, na qualidade do produto e na flexibilidade e eficiência que os clientes percebem quando recebem as encomendas.

A importância de um setor assim para o país é maior no ano em que o primeiro-ministro colocou o crescimento económico como a prioridade da legislatura. Disse Luís Montenegro: “A criação de riqueza é a ambição número um do Governo para alcançar o objetivo supremo que é o bem-estar das pessoas”.

O setor do calçado tem várias coisas para dizer sobre isto. A primeira é que exporta 90% do que produz. Ora, só

é possível crescer economicamente, e convergir com o nível médio de rendimento “per capita” dos países europeus mais desenvolvidos, se Portugal conseguir aumentar estruturalmente o peso das exportações no seu PIB. Partindo dos 46,5% registados em 2024, a meta do Governo é que as exportações alcancem 50% do PIB nos próximos anos, aproximando-se gradualmente dos 55%. O setor do calçado e a sua trajetória recente são uma referência nacional para as empresas de outros setores.

Os próximos tempos vão colocar alguns desafios adicionais a este objetivo, tanto pelo arrefecimento genérico dos mercados em 2025, como pela pressão suplementar que a política tarifária dos Estados Unidos da América está a provocar em toda a parte. Para os sapatos portugueses, a questão é particularmente sensível, uma vez que o alargamento de quota no mercado norte-americano é chave na sua competição com os italianos.

Segundo a Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos (APICCAPS), no primeiro semestre deste ano a indústria portuguesa exportou 36 milhões de pares de sapatos no valor de 843 milhões de euros, um crescimento de 5,4% em quantidade e 3,7% em valor face a igual período de 2024. Pode parecer um crescimento pequeno, mas deve ser comparado com a quebra de 2,6% do valor das exportações de Itália

e 2% das de Espanha.

Por conseguinte, em 2025, o calçado português está a mostrar a sua competitividade, adiantando-se a quem o persegue e encurtando a distância para o líder mundial. Para o futuro, tem duas vantagens. A primeira é a extraordinária diversidade dos seus clientes, distribuídos por 170 países, nos quais os Estados Unidos são apenas o sexto maior (é o segundo da Itália, ou seja, a margem de progressão de Portugal é maior). A segunda vantagem é a perspectiva de conclusão do acordo de livre comércio entre a União Europeia e o Mercosul, que poderá vigorar já em 2026 de forma provisória: este acordo abrirá à indústria portuguesa um mercado com mais de 700 milhões de consumidores, representando 25% do comércio mundial.

Esta realidade dá uma indicação clara: é tempo de investir, de aumentar a competitividade e de subir no posicionamento. O calçado português tem todas as qualidades para aumentar o seu valor acrescentado. E para disputar a liderança mundial.



Criação da **APICCAPS**

A APICCAPS – Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e Sucedâneos – nasceu em 1975, num período de grande transformação política, económica e social em Portugal. A criação da associação respondeu à necessidade de unir esforços de um setor altamente fragmentado, que enfrentava grandes desafios em matéria de organização e internacionalização.

Desde o início, a APICCAPS assumiu-se como porta-voz do setor, promovendo a sua coesão e defendendo os interesses das empresas associadas junto das autoridades nacionais e das instâncias internacionais. O espírito associativo foi determinante para criar uma estrutura capaz de enfrentar um mercado global em rápida mudança.

A sua fundação coincidiu também com uma fase em que o calçado português começava a conquistar os primeiros mercados externos. Era fundamental dotar o setor de uma entidade representativa que assegurasse uma estratégia comum e uma visão de futuro.

Hoje, olhando para o caminho percorrido, a criação da APICCAPS revela-se como um passo decisivo para a afirmação internacional da indústria portuguesa de calçado, que se tornou num caso de sucesso reconhecido mundialmente.

Primeiro Plano Estratégico **DA APICCAPS**

No final da década de 1970, a APICCAPS deu um passo pioneiro ao lançar o seu primeiro Plano Estratégico, elaborado por Miguel Cadilhe, e Manuel Baganha, figuras de relevo da economia portuguesa. Este documento foi a primeira verdadeira radiografia ao setor do calçado em Portugal.

“Um enredamento intersetorial que, nos inputs, permite um abastecimento irregular em qualidade, quantidade e preços, e que, nos outputs, sofre a irracionalidade de um mercado interno atomizado; uma concorrência não-salutar que resulta do predomínio de unidades de produção infradimensionadas, muitas das quais em regime pré-industrial; uma gestão carecida de métodos e técnicas modernas, uma organização deficiente e, com efeito, uma produtividade relativamente baixa”. Era desta forma, que o setor era apresentado no final da década de setenta.

O documento revelou-se fundamental para definir medidas estruturais a aplicar no curto prazo e, em simultâneo, delinear uma visão de médio e longo prazo da indústria do calçado.

O plano identificava os principais desafios do setor: modernização tecnológica, internacionalização das empresas, qualificação dos recursos humanos e diferenciação pela qualidade. Mais do que um diagnóstico, foi uma bússola que orientou a atuação da associação e das empresas durante a década seguinte.

A participação de Miguel Cadilhe e Manuel Baganha conferia rigor e credibilidade ao processo, garantindo que o setor estivesse alinhado com as grandes tendências económicas e com as exigências de competitividade global.

Graças a este plano, a indústria portuguesa do calçado iniciou uma trajetória de transformação estrutural, que viria a colocá-la entre as mais competitivas do mundo, assente em inovação, flexibilidade e qualidade.



Lançamento DA MOCAP

No final da década de 1970, a APICCAPS deu um passo decisivo para a afirmação internacional da indústria portuguesa com a criação da MOCAP – Mostra Portuguesa de Calçado. Esta iniciativa pioneira consistia em apresentar, de forma organizada, a produção nacional a compradores e distribuidores dos principais mercados externos, promovendo o calçado português junto de potenciais clientes internacionais.

A MOCAP surgiu num contexto em que o setor começava a dar os primeiros sinais de abertura ao mundo. Até então, as exportações eram limitadas e pouco estruturadas. Com a Mostra, a indústria passou a dispor de uma plataforma própria de promoção.

Este projeto marcou o início da internacionalização sistemática do calçado português, criando uma imagem de setor coeso e ambicioso. Pela primeira vez, Portugal apresentou-se de forma coordenada em feiras com exposição internacional, mostrando ao mundo a qualidade e a criatividade da sua produção.

Em retrospectiva, a MOCAP foi a semente de uma estratégia de promoção externa que, décadas depois, faria de Portugal um dos maiores exportadores mundiais de calçado. Representou a coragem, a visão e a determinação de conquistar espaço nos mercados mais exigentes.

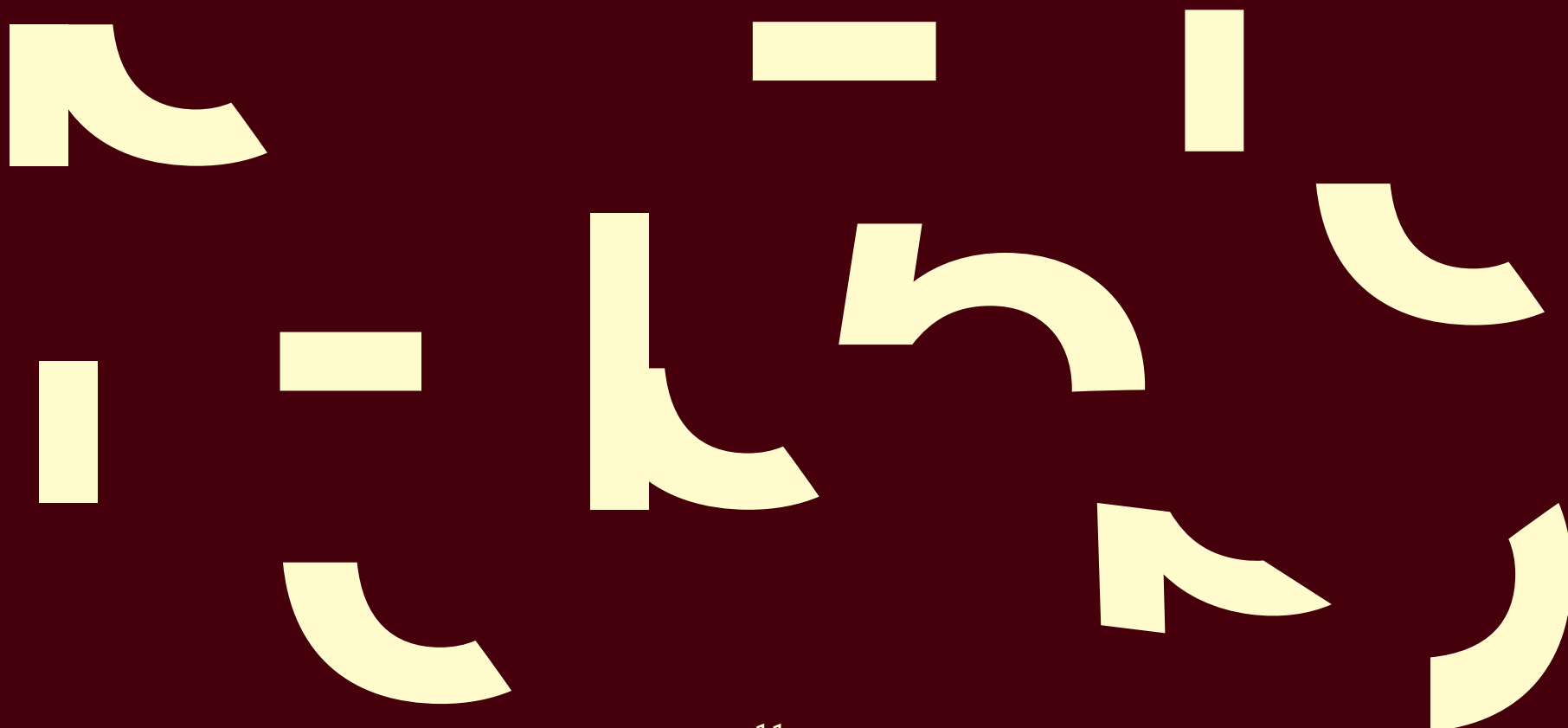
Criação do Centro Tecnológico DO CALÇADO

O Centro Tecnológico do Calçado de Portugal (CTCP) foi criado em 1986 como resposta a uma necessidade estratégica da indústria: dispor de um polo de investigação, desenvolvimento e apoio técnico ao serviço das empresas.

Desde a sua fundação, o CTCP assumiu-se como motor de inovação, oferecendo serviços de ensaio, certificação e apoio técnico. Foi também responsável por dinamizar programas de investigação aplicada e por introduzir novas tecnologias no processo produtivo.

O centro desempenhou ainda um papel central na qualificação de recursos humanos, através de programas de formação especializados, ajudando a elevar os padrões técnicos do setor e a preparar as empresas para competir num mercado globalizado.

Com a sua criação, a indústria portuguesa de calçado conquistou uma vantagem competitiva única: a capacidade de combinar tradição artesanal com inovação tecnológica, tornando-se uma referência mundial de qualidade.



Contrato de Adaptação Ambiental

Na década de 1990, a crescente consciencialização ambiental exigia mudanças profundas na indústria. Foi nesse contexto que a APICCAPS promoveu o “Contrato de Adaptação Ambiental”, um programa pioneiro que visava apoiar as empresas na transição para processos de produção mais sustentáveis. Este contrato foi celebrado em 1999, entre a APICCAPS, o Ministério do Ambiente e o Ministério da Economia, tendo registado uma adesão superior a 60% do volume de emprego dos setores envolvidos.

O projeto implicou investimentos significativos na modernização de equipamentos e práticas, com o objetivo de promover uma maior sensibilização e responsabilidade ambiental no tratamento de efluentes líquidos, na gestão de resíduos sólidos, na limitação das emissões atmosféricas e na redução do ruído exterior. Muitas empresas foram apoiadas na implementação de sistemas de controlo ambiental, garantindo o cumprimento das novas exigências europeias.

Para além do impacto direto na redução da pegada ecológica do setor, o Contrato de Adaptação Ambiental contribuiu para reforçar a imagem do calçado português como uma indústria responsável e comprometida com as boas práticas.

Este programa foi determinante para preparar o setor para os desafios ambientais que hoje são centrais e continua a ser uma referência da capacidade de adaptação e da visão estratégica da APICCAPS.

Projeto PAEDIR

O PAEDIR – Programa de Apoio Específico à Deslocalização Industrial Regional – representou uma aposta na valorização territorial da indústria do calçado. Resultante de uma proposta inicial da APICCAPS, teve como objetivo promover a competitividade empresarial através de uma estratégia que articulava inovação, formação e desenvolvimento regional.

Este programa apoiou as empresas num total de 25 projetos, desde a criação de novas instalações no interior e implementação de novos processos produtivos, ao estímulo à cooperação regional e reforço da ligação entre indústria, instituições de ensino e autarquias. Correspondeu a um investimento total próximo dos 15 milhões de euros 7,3 milhões de contos dos quais aproximadamente três milhões foram destinados à formação profissional.

O PAEDIR destacou-se ainda pelo seu papel na dinamização do emprego qualificado em regiões com forte tradição no setor do calçado, fixando talento e evitando fenómenos de desertificação.

Em termos práticos, o setor do calçado, em vez de optar pela deslocalização da produção para o exterior, optou pela criação de mais de uma vintena de unidades industriais e 1400 postos de trabalho em regiões.

Ao apostar numa abordagem integrada, o PAEDIR demonstrou que o desenvolvimento industrial pode e deve andar de mãos dadas com a coesão territorial e o desenvolvimento do interior do país.

O Projeto FACAP

FÁBRICA DE CALÇADO DO FUTURO

O FACAP – Fábrica de Calçado do Futuro – representou uma viragem histórica para a indústria portuguesa. Lançado em 1996, foi o primeiro grande projeto de investigação e desenvolvimento (I&D) do setor, mobilizando entidades do sistema científico e tecnológico, fabricantes de tecnologia, empresas comerciais e utilizadores finais em torno de uma visão comum: modernizar a produção de calçado em Portugal.

Este projeto teve como objetivo criar um modelo industrial mais eficiente, flexível e inovador, ajustado às necessidades específicas do setor e capaz de responder rapidamente às exigências de um mercado global em transformação. O FACAP trouxe novas soluções de organização fabril (sistemas de distribuição e armazenagem automáticos), introduziu tecnologias emergentes (sistemas de corte por jato de água) e apostou em processos de maior valor acrescentado.

O FACAP resultou no desenvolvimento de 44 novos equipamentos e soluções tecnológicas “made in Portugal”, permitindo não só que a indústria nacional deixasse de depender do exterior, mas que também passasse a exportar tecnologia. O projeto contribuiu, assim, para uma maior flexibilidade e para o aumento da produtividade, da qualidade e da capacidade de resposta do cluster do calçado.

A iniciativa destacou-se também pelo seu carácter colaborativo. Empresas de diferentes dimensões e atividades, o Centro Tecnológico do Calçado e instituições científicas e académicas, assim como consumidores finais, trabalharam em conjunto, partilhando conhecimento e construindo uma verdadeira rede de inovação.

Na sua generalidade, o FACAP foi considerado um enorme sucesso: a comercialização dos equipamentos desenvolvidos neste âmbito gerou receitas cinco vezes superiores ao investimento total, confirmando o enorme valor do projeto para a indústria nacional. Graças ao FACAP, a indústria portuguesa posicionou-se na vanguarda europeia, abrindo caminho para novos projetos de modernização e para uma cultura de inovação contínua que permanece até hoje como marca distintiva do setor.

Lançamento campanha

“THE SEXIEST INDUSTRY IN EUROPE”

Em 2010, a APICCAPS surpreendeu o mundo com o lançamento da campanha internacional “The Sexiest Industry in Europe”. Mais do que um simples slogan, tratou-se de uma afirmação ousada que procurou revolucionar a imagem do calçado português.

A campanha destacou a sofisticação, a criatividade e a qualidade da produção nacional, associando-a a valores de moda, glamour e design. Foi amplamente divulgada em revistas de prestígio, feiras internacionais e eventos de referência, conquistando notoriedade imediata.

Ao adotar uma comunicação disruptiva, a APICCAPS colocou o setor português do calçado na agenda mediática global e captou a atenção de marcas e consumidores em todo o mundo.

Esta campanha desempenhou um papel determinante na construção da marca institucional do calçado português, consolidando a sua reputação como símbolo de qualidade, inovação e elegância e acabaria por ser publicamente reconhecida pela Comissão Europeia com a atribuição de um prémio.

Passados mais de quinze anos, “The Sexiest Industry in Europe” continua a ser um case study de marketing internacional, lembrado como uma das campanhas mais eficazes e arrojadas do setor da moda.





E uma nova indústria **NASCEU**

A Revolução de 25 de Abril de 1974, também conhecida como Revolução dos Cravos, foi bem mais do que um movimento político que depôs a ditadura e culminou com a implantação de um regime democrático. Para a sociedade portuguesa, foi a maior promessa de esperança. Para alguns setores de atividade, como o calçado, foi sinónimo de recomeço.

Em 1974, existiam em Portugal pouco mais de 670 empresas, responsáveis por cerca de 15 mil postos de trabalho.

Pouco tempo depois, surgia a APICCAPS. No seu primeiro plano estratégico, elaborado em 1978, Miguel Cadilhe e Manuel Baganha faziam a primeira radiografia ao setor:

“Um enredamento intersetorial que, nos inputs, permite um abastecimento irregular em qualidade, quantidade e preços, e que, nos outputs, sofre a irracionalidade de um mercado interno atomizado; uma concorrência não-salutar que resulta do predomínio de unidades de produção infradimensionadas, muitas das quais em regime pré-industrial; uma gestão carecida de métodos e técnicas modernas, uma organização deficiente e, com efeito, uma produtividade relativamente baixa”.

Começou assim um caminho de pensamento estratégico e estruturado que marcaria a história da indústria portuguesa de calçado.

Cinco décadas depois, a indústria portuguesa de calçado é constituída por aproximadamente 1432 empresas (crescimento de 139%, desde a criação a APICCAPS), responsáveis por 32 543 mil postos de trabalho (crescimento de 117%, no mesmo período).

Portugal exporta atualmente cerca de 90% da sua produção, o equivalente a 68 milhões de pares (crescimento de 1 260% desde a Revolução dos Cravos), no valor de 1 700 milhões de

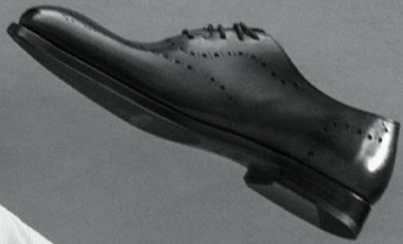
euros (crescimento de 57 367%), sendo um dos únicos países da Europa onde a atividade produtiva de calçado tem resistido à tendência geral de declínio dos últimos 50 anos.

Os dados mais recentes mostram que o núcleo industrial do cluster, composto pelas indústrias do calçado, dos componentes para calçado e dos artigos de pele, representa 5,9% do emprego nas indústrias transformadoras portuguesas e 3,1% do seu valor acrescentado bruto (VAB). O cluster apresenta uma elevada concentração geográfica e, no Norte do país, o seu contributo para as indústrias transformadoras ascende a 10,3% do emprego e 6,4% do VAB. Estes valores sobem, respetivamente, para 29,1% e 25,9% na Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa, onde se situa uma elevada percentagem das empresas do cluster. O setor representa ainda 2,7% do total de exportações nacionais de bens, contribuindo positivamente com 807 milhões de euros para o equilíbrio da balança comercial portuguesa.

O setor de calçado renovou recentemente a sua visão estratégica. Para a próxima década ambiciona “ser a referência internacional da indústria de calçado e reforçar as exportações portuguesas, aliando virtuosamente a sofisticação e criatividade com a eficiência produtiva, assente no desenvolvimento tecnológico e na gestão da cadeia internacional de valor, assim garantindo o futuro de uma base produtiva nacional, sustentável e altamente competitiva”.

O novo Plano Estratégico do Cluster do Calçado 2030, publicamente apresentado pela APICCAPS, definiu quatro prioridades – Qualificação de Pessoas e Empresas; Produtos e Processos Sustentáveis; Flexibilidade e Resposta Rápida; Presença Ativa nos Mercados –, 24 medidas e 113 ações concretas para reposicionar o setor no panorama competitivo internacional. Nesse processo, serão investidos cerca de 600 milhões de euros, numa nova prova de compromisso e confiança no futuro.





Cinquenta anos de estratégia que mudaram o

CALÇADO EM PORTUGAL

“Um enredamento intersetorial que, nos inputs, permite um abastecimento irregular em qualidade, quantidade e preços, e que, nos outputs, sofre a irracionalidade de um mercado interno atomizado; uma concorrência não-salutar que resulta do predomínio de unidades de produção infradimensionadas, muitas das quais em regime pré-industrial; uma gestão carecida de métodos e técnicas modernas, uma organização deficiente e, com efeito, uma produtividade relativamente baixa”. Corria o ano de 1978, e esta foi a primeira verdadeira radiografia ao setor do calçado em Portugal, assim como o primeiro documento estratégico da APICCAPS. Os seus autores: Miguel Cadilhe e Manuel Baganha.

Há quase 50 anos que a APICCAPS tem procurado traçar uma visão de futuro para a fileira do calçado em Portugal, através da consulta e do aconselhamento de diferentes personalidades relevantes do panorama económico português, entre as quais Alberto de Castro, Carlos Costa, Daniel Bessa, Freire de Sousa, Guilherme Costa ou Miguel Cadilhe. Estes documentos revestem-se da maior importância, na medida em que permitem determinar um rumo, definir estratégias e, em particular, traçar planos de ação para o futuro.

Os resultados estão à vista. Em pouco menos de cinco décadas, o setor do calçado em Portugal sofreu uma verdadeira «metamorfose». De setor tradicional, de mão-de-obra intensiva e essencialmente voltado para dentro, transformou-se num dos setores mais relevantes para a economia portuguesa ao revelar um invulgar grau de abertura ao exterior.

Desde esse período, o número de empresas aumentou 1,5 vezes (de 670 para 1 000), o número de trabalhadores aumentou 1,84 vezes (de 15 para 28 mil). As exportações cresceram mais de 574 vezes em valor (de 3 para 1 724 milhões de euros). Já o peso das exportações na produção, em volume, passou de 33% na década de setenta para 90% atualmente.

VIAGEM NO TEMPO

No primeiro dos documentos estratégicos da APICCAPS, Miguel Cadilhe e Manuel Baganha realizaram uma análise exaustiva ao setor do calçado em Portugal, identificando as principais limitações do setor e, com base nesse diagnóstico, definindo as prioridades estratégicas para o desenvolvimento futuro do mesmo. O Jornal da APICCAPS convida-o a viajar ao passado e a recuar aos “primórdios” da nossa associação.

As dificuldades da indústria de calçado eram “pesadas, limitativas” e decorriam “em grande parte de vícios congénitos”. O setor necessitaria, assim, de “um esforço próprio e um substancial auxílio exógeno”. Acresce que, em 1978, a economia mundial enfrentava uma grave crise.

Neste primeiro diagnóstico do setor, lê-se que “reconhecem os industriais do calçado que tem havido uma certa predisposição negativa, um certo contemplativismo, ou mesmo uma certa incapacidade do setor para eliminar as suas carências”, quando deveria haver “abertura à mudança útil, à inovação criadora, ao sentido equilibrado do risco, às leis da racionalidade económica da unidade produtora”. Desse modo, deveria ser criada uma “predisposição positiva (...) para o alargamento e reforço do núcleo ‘empresarial’ do setor”.

De modo a projectar a indústria de calçado no futuro, Miguel Cadilhe e Manuel Baganha propuseram, em 1978, “a instalação de novas unidades e a ampliação ou mudança de local”, numa lógica de reordenamento do território, e a criação de “agrupamentos complementares de empresas”, uma vez que a dimensão média das empresas era muito reduzida.

Numa outra vertente é sugerida a formulação de um “plano setorial de reorganização”, na medida em que “precisam as empresas de proceder a alterações na combinação de factores de produção, ou a substituições de equipamentos, ou a modificações de métodos de gestão, ou a actos de concentração (fusão, incorporação, integração) ou a acordos de cooperação”. Para além de sugerir ao Governo um conjunto alargado de incentivos fiscais, Miguel Cadilhe e Manuel Baganha propuseram ainda que a indústria de componentes fosse considerada uma “indústria prioritária”, concedendo-lhe um tratamento fiscal bonificado.

Uma das medidas mais emblemáticas foi a da criação de “um Gabinete Técnico da Indústria de Calçado” – o atual Centro Tecnológico de Calçado de Portugal – capaz de “promover a aplicação dos conhecimentos e inovações adquiridos no País e no estrangeiro”, “realizar e promover investigação aplicada e desenvolvimento experimental”, “promover a qualidade na indústria portuguesa de calçado”, “promover a formação e o aperfeiçoamento do pessoal de todas as categorias”, e “elaborar estudos setoriais e outros com interesse”. Destacam ainda que, de forma a habilitar este Gabinete Técnico de prestar estes serviços, era decisivo que fosse “dotado com meios humanos em qualidade e quantidade suficientes”.

Nesta primeira radiografia ao setor Miguel Cadilhe e Manuel Baganha propõem ainda, entre outras coisas, criar um sistema de informação atual e oportuna, constituir um laboratório de análise de qualidade, criar um núcleo de design do calçado e componentes, preparar e apoiar a execução de um programa de reciclagem e aperfeiçoamento dos gestores das empresas de calçado, repensar o Centro de Formação Profissional da Indústria de Calçado e apoiar a participação das empresas em feiras e exposições no exterior. Quase cinquenta anos depois, o diagnóstico continua a primar pela atualidade.

NOVA VISÃO CINCO ANOS DEPOIS

Cinco anos depois, nasce uma nova visão estratégica, da autoria de Carlos Costa, ex-Governador do Banco de Portugal. Este defendia “um aumento da eficácia, melhoria da qualidade e diferenciação da indústria portuguesa de calçado”. Em traços gerais, o novo documento estratégico realçava a importância de ser promovido um acréscimo da produtividade, bem como racionalizar a gestão das empresas, nomeadamente em matérias de compras de matérias-primas e componentes, racionalização dos processos produtivos, desenvolvimento do controlo de qualidade das matérias-primas, componentes e produto final, adoção de um quadro integrado de medidas favoráveis à formação de quadros e gestores das empresas, generalizar a formação e reciclagem profissional, padronização da produção de componentes e estudo e racionalização de tecnologias visando uma utilização mais racional das peles, com redução de desperdícios e a racionalização e harmonização das operações de corte.

Carlos Costa preconizava, igualmente, “a deslocação da produção para faixas de mercado mais valorizadas”, bem como um “incremento da qualidade e da diferenciação”. Entre as medidas propostas destacam-se, por exemplo, a criação de apoios à incorporação de tecnologias avançadas por parte das empresas, o desenvolvimento da investigação nos domínios das propriedades estéticas, conforto e peso, desenvolvimento da investigação no domínio da maquinaria e dos componentes para calçado, criação de um gabinete de design e acompanhamento das tendências de moda e a promoção de esforços conjuntos com o setor do vestuário para uma progressiva melhoria do design português no plano externo.

No plano estratégico da fileira do calçado de 1984, é ainda proposto o reforço da imagem externa do calçado português e a exploração sistemática de oportunidades de mercado. Entre as medidas propostas, destaque para a criação de uma marca setorial (que viria a designar-se “Shoes from Portugal”), a criação de mecanismos de participação e financiamento conjunto de estudos de mercado e ações comerciais, criação de serviços comuns de comercialização e desenvolvimento de programas públicos de fomento ao comércio externo.

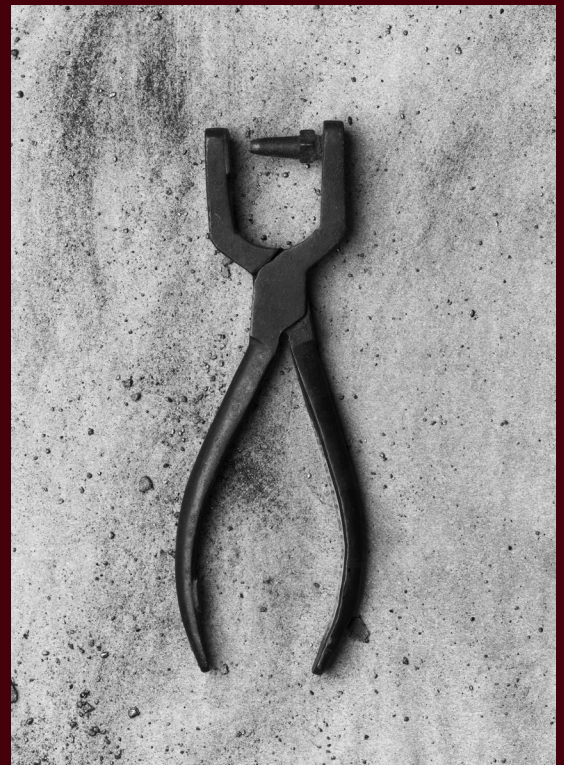
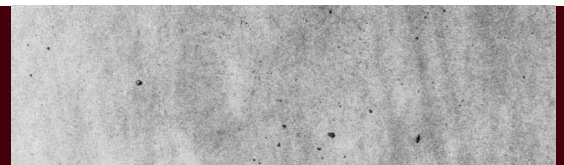
O CONTRIBUTO DA CATÓLICA

Passada uma década, em 1994, inicia-se a parceria entre a APICCAPS e o Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da Universidade do Porto, liderado por Alberto de Castro. Nessa altura, no prefácio do Plano Estratégico para a Indústria do Calçado o Ministro da Indústria Mira Amaral escrevia ser “comummente aceite que a evolução da indústria de calçado em Portugal é um caso de sucesso”.

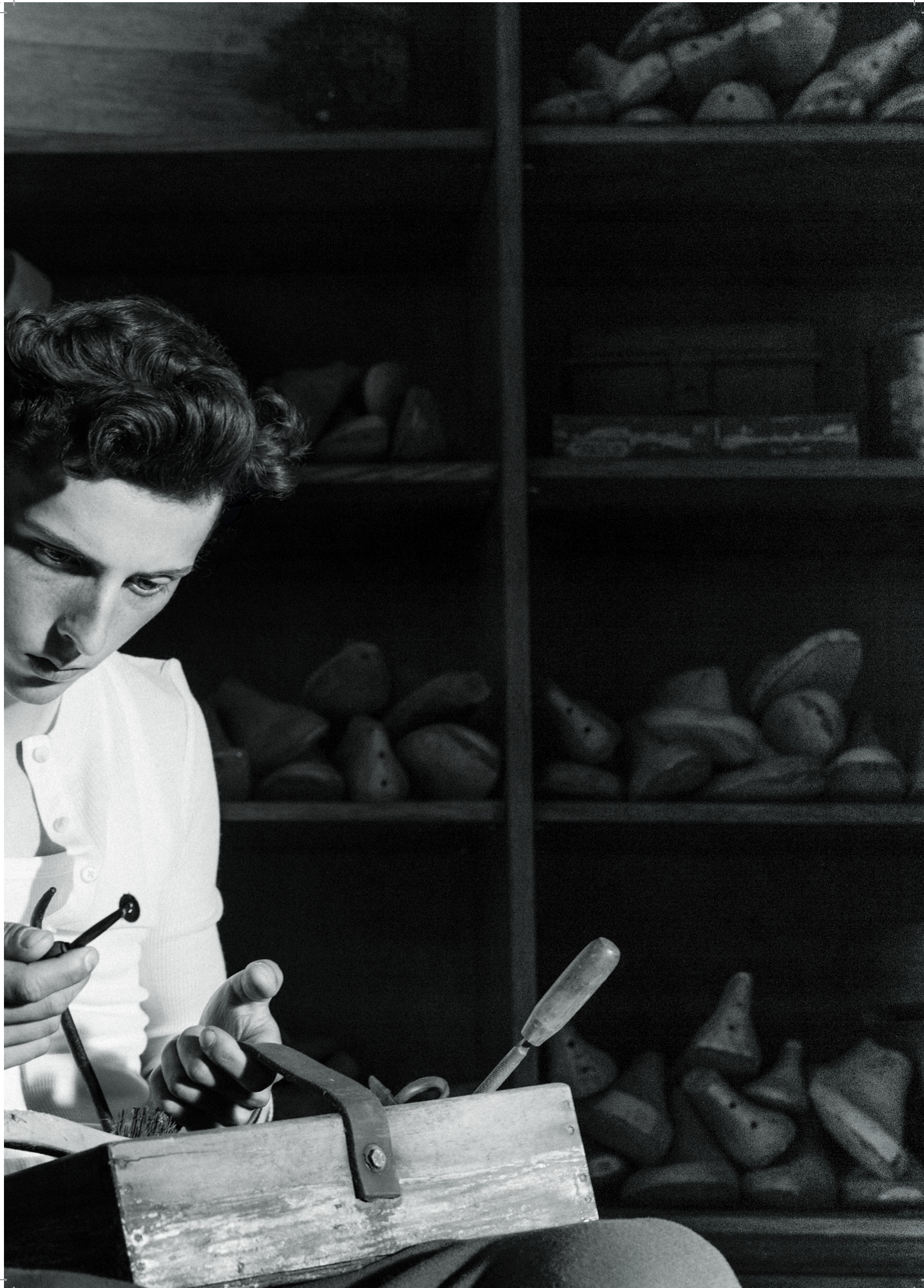
Nesse terceiro Plano Estratégico, são identificadas as grandes fragilidades do setor, como a baixa produtividade física, as débeis relações com os fornecedores e a distância e relação aos clientes finais. Vislumbravam-se, simultaneamente, algumas oportunidades decorrentes do emergente processo de globalização, com especial enfoque para o acesso aos novos mercados. A deslocalização da produção, as alterações no comportamento da procura e o previsível crescimento do mercado interno português identificavam-se igualmente no horizonte.

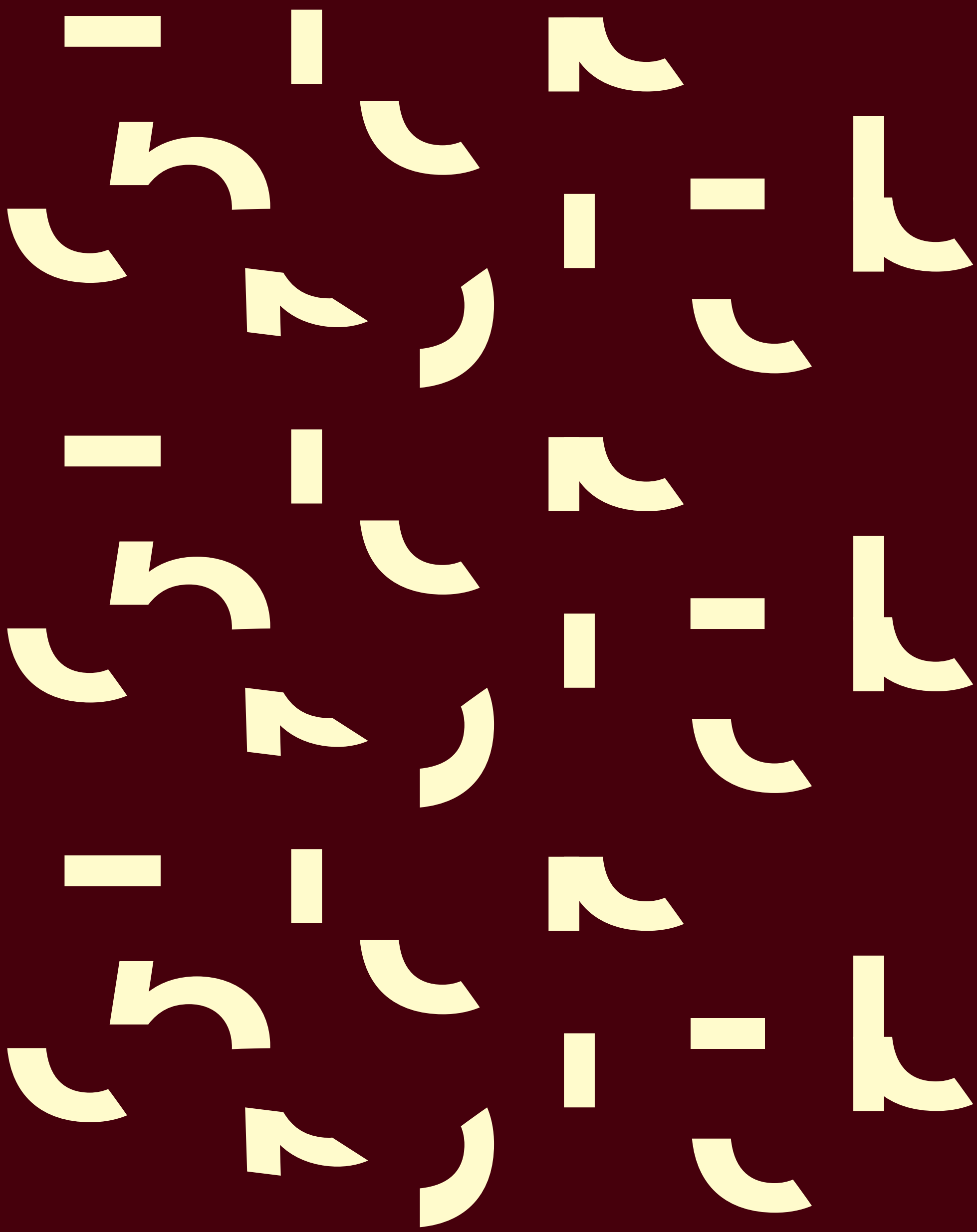
Em termos de prioridade, a equipa liderada por Alberto de Castro propunha a promoção do desenvolvimento das capacidades de organização e gestão das estratégias empresariais, a difusão das novas tecnologias, o reforço da aposta na internacionalização, o fortalecimento das ligações como os setores a montante e a jusante e, por fim, uma adaptação das qualificações dos recursos humanos.

A Universidade Católica do Porto continuou a colaborar de forma regular com a APICCAPS até aos dias de hoje, sendo mesmo responsável pela coordenação dos dois mais recentes Planos Estratégicos: 2020 e 2030.









Emídio Sousa

SECRETÁRIO DE ESTADO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

A APICCAPS celebra 50 anos de história, uma data que assinala um percurso de resiliência, talento e visão que moldou o presente e inspira o futuro da indústria de calçado. Este setor importante da nossa economia é hoje um símbolo de excelência, inovação e identidade nacional.

Ao longo destas cinco décadas, a indústria do calçado tornou-se um pilar da economia nacional. Com milhares de empresas e postos de trabalho diretos e indiretos, este setor contribui significativamente para o PIB, para as exportações e para o desenvolvimento nacional.

A aposta da APICCAPS tem sido contínua na qualidade, no design e na tecnologia, que faz do calçado português uma referência mundial.

A Associação tem sido um fator de transformação social, promovendo a qualificação profissional, a inclusão e a valorização das comunidades locais. Em muitas regiões, o calçado é mais do que uma atividade económica — é uma herança familiar, uma fonte de orgulho e um motor de coesão social.

O calçado português é expressão de criatividade, tradição e identidade. Ao apoiar designers, artesãos e iniciativas culturais, a APICCAPS ajudou a projetar o calçado como forma de arte e como elemento da cultura nacional. Cada par conta uma história — de mãos que sabem, de materiais que falam, de estilos que cruzam gerações.

Hoje, o mundo calça Portugal. A presença em feiras internacionais, a conquista de mercados exigentes e a reputação de excelência tornaram o calçado nacional um embaixador do país. A Associação tem sido protagonista nesta internacionalização, promovendo parcerias, inovação e sustentabilidade.

50 anos depois, a APICCAPS continuará a ser uma força mobilizadora, preparada para enfrentar os desafios da digitalização, da sustentabilidade e da competitividade global. É por isso com enorme orgulho e emoção que me junto a estas comemorações.

A APICCAPS é um exemplo para Portugal; na audácia, na inovação, na qualidade, na internacionalização.

Madalena Oliveira e Silva

PRESIDENTE DA AICEP

Celebrar meio século de vida é sempre um momento de orgulho, mas também convida à reflexão e projeção para o futuro. Os 50 anos da APICCAPS representam precisamente isso: a afirmação de um setor que soube reinventar-se, valorizar o talento nacional e conquistar o reconhecimento nos mercados mais exigentes do mundo.

O calçado português é, há muito, sinónimo de qualidade, design e sofisticação. Exportado para mais de 170 países, este cluster emprega cerca de 42.500 pessoas e é uma referência na economia nacional, contribuindo decisivamente para a balança comercial de Portugal. Hoje, somos o 10º maior exportador mundial de calçado e um caso de estudo pela capacidade de conciliar tradição, inovação e sustentabilidade.

A AICEP tem acompanhado de perto esta trajetória de sucesso. Ao longo das últimas décadas, testemunhámos a forma como as empresas portuguesas de calçado souberam diversificar mercados, investir em tecnologia e responder rapidamente às novas tendências globais. A aposta em valor acrescentado permitiu que o preço médio de exportação atingisse hoje valores 20% superiores aos registados antes da pandemia, revelando a procura crescente por produtos de nicho, premium e sustentáveis.

Gostaria de aproveitar para destacar a excelente relação entre a AICEP e a APICCAPS, marcada por uma verdadeira complementaridade. Enquanto a APICCAPS, Associação setorial, conhece em profundidade o setor, mobiliza empresas e promove projetos estratégicos, a AICEP, enquanto Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, acrescenta a sua experiência na promoção internacional, na atração de investimento e no apoio à internacionalização.

A Rede Externa da AICEP, presente em mais de 50 mercados, constitui uma plataforma privilegiada para abrir portas e criar oportunidades em geografias estratégicas. Acresce que, enquanto Organismo Intermédio do COMPETE 2030, à

AICEP cabe a análise e acompanhamento dos projetos de internacionalização, garantindo a atribuição de incentivos que permitem às empresas portuguesas investir com confiança e ambição na sua expansão internacional.

A parceria entre a APICCAPS e a AICEP tem sido fundamental para projetar o calçado português como referência mundial e continuará a ser decisiva na construção do futuro.

O setor do calçado tem demonstrado ambição ao desenvolver novos biomateriais, tornar os processos de fabrico mais circulares, investir na automação e na digitalização. Trata-se de um caminho que coloca Portugal na linha da frente da inovação internacional, conciliando competitividade com responsabilidade ambiental.

Este dinamismo empresarial é também reflexo do papel da APICCAPS, uma Associação mobilizadora que, ao longo de 50 anos, soube defender os interesses do setor e projetar o Made in Portugal, através da campanha/marca Portuguese Shoes, iniciada em 2010.

Festejar este marco é, portanto, celebrar o mérito de milhares de empresários, trabalhadores, designers e técnicos que, com resiliência e criatividade, fazem do calçado português uma referência mundial.

Em nome da AICEP, deixo uma palavra de profundo reconhecimento à APICCAPS pelo seu percurso inspirador e pela parceria estratégica que temos vindo a consolidar. Estamos certos de que, juntos, continuaremos a levar mais longe a excelência de Portugal, afirmando a indústria portuguesa do calçado em novos mercados e reforçando a posição do País como destino de inovação, tradição, talento e qualidade.

Parabéns à APICCAPS pelos seus 50 anos. Que os próximos sejam ainda mais ambiciosos.

José Pulido Valente

PRESIDENTE DO IAPMEI

A indústria do calçado português conta uma história entusiasmante da economia nacional.

Assinala-se este ano, um marco importante: os 50 anos da APICCAPS, a associação que tem sido o motor desta profunda transformação — promovendo a modernização tecnológica, a formação profissional, a aposta em marcas próprias e a internacionalização dos setores de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos.

Ao longo das últimas décadas, temos vindo a assistir à reinvenção e transformação de um setor tipicamente tradicional, num exemplo de modernidade, inovação e reconhecimento internacional.

Foi a partir dos anos 70, que esta indústria portuguesa começou a afirmar-se, especialmente no norte do país, com uma forte base de pequenas e médias empresas a operar em regime de subcontratação para grandes marcas internacionais. Em 1978, a APICCAPS apresentou o seu Primeiro Plano Estratégico - “Plano de Modernização e Desenvolvimento do Setor do Calçado, que definiu a estratégia para a transformação da indústria portuguesa do calçado. Este planeamento marcou o início de um processo estruturado de modernização, promovendo a atualização tecnológica, a melhoria da qualidade dos produtos e a profissionalização das empresas. Paralelamente, ajudou a posicionar o setor para a internacionalização, aumentando a sua competitividade e capacidade de resposta às exigências dos mercados globais, estabelecendo as bases para o crescimento sustentável e o reconhecimento internacional que o calçado português alcançou nas décadas seguintes.

Desde então, esta associação já desenvolveu cinco Planos Estratégicos para o setor, que marcaram de forma decisiva a sua trajetória, facilitando a integração e a articulação entre os diferentes subsectores, promovendo a criação de um cluster exemplar.

A década de 90 marcou um ponto de viragem. A globalização e o avanço da concorrência asiática colocaram o cluster perante um enorme desafio. Em vez de recuar, respondeu com visão, resiliência e ousadia: reiterou a aposta pela diferenciação pela qualidade, reforçou a inovação tecnológica, o design e a sustentabilidade. Para mim, é precisamente esta capacidade

de transformação — sem abdicar das suas origens — que torna esta indústria tão inspiradora.

Portugal é hoje reconhecido mundialmente pela distinção do seu calçado. Não estamos apenas a falar de sapatos, mas de peças de arte, com detalhe, materiais de qualidade e um design cada vez mais arrojado. Campanhas como “The Sexiest Industry in Europe” ajudaram a criar uma nova imagem do setor: mais jovem, criativo e com impacto global.

Atualmente, cerca de 95% da produção é exportada e está presente em mais de 170 países.

Esta presença internacional não é apenas comercial, mas resulta de uma estratégia cuidadosamente pensada e orientada para a promoção da excelência e sofisticação do calçado português. Esse posicionamento é reforçado pela elevada qualidade dos seus componentes e artigos, com especial destaque para a utilização de pele e sucedâneos inovadores, que combinam tradição, sustentabilidade e design contemporâneo.

Hoje, esta indústria, não só compete como dita tendências. As marcas nacionais afirmam a sua presença nos certames de moda internacionais, colaboram com designers de renome e colocam Portugal no mapa da moda mundial. É um orgulho ver como conseguimos transformar um produto tradicional num símbolo de sofisticação, conforto e responsabilidade ambiental.

A internacionalização deste setor foi e é essencial, para que as empresas realmente consigam destacar-se num mercado que está cada vez mais globalizado e competitivo. Atualmente, não basta produzir produtos de qualidade — é fundamental adotar uma visão estratégica e internacional, procurando novas oportunidades além-fronteiras para assegurar a viabilidade e a expansão do negócio.

Celebrar meio século da APICCAPS vai muito além de um simples marco temporal; representa o reconhecimento do esforço coletivo, da capacidade de adaptação e da visão estratégica que têm impulsionado esta indústria a alcançar patamares de excelência e inovação. É uma prova viva de que, com determinação, talento e união, é possível evoluir da tradição para a vanguarda — a deixar marca em cada passo.

Eduarda Abbondanza

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO MODALISBOA

Ao celebrar cinquenta anos de existência, a APICCAPS não assinala apenas meio século de representação setorial, mas também uma jornada de transformação. O calçado, componentes e artigos de pele representam hoje um dos pilares mais dinâmicos da economia nacional, mas que continua a preservar a agilidade necessária para responder com precisão a desafios complexos e mutáveis. Essa capacidade de resposta, rara em setores com esta dimensão, é fruto de uma cultura que alia séculos de saber-fazer a novas gerações dispostas a aprofundar conhecimento, investigar novos caminhos e trabalhar a indústria sob uma perspetiva profundamente humanista.

Há 50 anos, a APICCAPS tinha como objetivo unir uma indústria produtiva. Hoje, a sua missão atua num campo ampliado: unir uma indústria criativa que se atualizou, cresceu e solidificou como uma das mais importantes do país. Foi pioneira ao valorizar os artesãos como centro de conhecimento e de identidade cultural; tornou-se referência na promoção de laços intersetoriais, com a indústria têxtil, com a Moda, com a própria Associação ModaLisboa e a Lisboa Fashion Week, com a qual trabalha sempre com abertura, confiança e seriedade, promovendo o intercâmbio de saberes e reforçando um sentido coletivo de possibilidade.

O setor do calçado português distingue-se também pela sua comunicação audaciosa e destemida, que teima em surpreender e em nunca desistir da sua veia de experimentação.

Com ela, a APICCAPS conseguiu o extraordinário: integrar empresas com perfis distintos numa narrativa coesa e internacional, exportando uma identidade singular e qualitativa, entrando com sucesso nos mercados mais competitivos e fazendo com que o próprio consumidor nacional olhasse e valorizasse o seu produto. E mais: ao apostar numa comunicação contemporânea que já assumiu diversos formatos — do papel à televisão, das grandes campanhas à captação de nomes internacionais — tornou-se numa força motriz de produção cultural, consciencialização, formação e construção de comunidade.

Esta força coletiva baseia-se, além de uma vontade inesgotável e uma perspicácia clara, numa visão estrutural de compromisso. Em primeiro lugar, para com o setor e os associados, honrando a sua herança cultural e incentivando um crescimento sustentado de cada um e da indústria como um todo; para com o planeta, com um investimento constante na digitalização e investigação constante e transversal de novos materiais e processos responsáveis; e para com o talento, emergente, disruptivo, essencial, em consecutivos projetos e iniciativas que capacitam o tecido criativo e servem de exemplo para a construção de um Sistema de Moda contemporâneo, plural e inovador.

Em suma, nestes cinquenta anos, a APICCAPS tornou-se num pólo agregador de visão e de responsabilidade, uma plataforma que, com coragem, inteligência e conhecimento, continua a projetar Portugal para o mundo e a inspirar a indústria nacional a fazer mais e melhor.

José Pimenta Machado

PRESIDENTE DA APA

O cluster do calçado assume-se como um setor chave da economia nacional. De acordo com os dados disponíveis, em 2023, o setor contava já com mais de 2300 empresas, representando 3,4% da indústria transformadora em Portugal, empregando quase 40 mil trabalhadores. Também em matéria de comércio internacional de bens, o setor do calçado apresenta, há mais de duas décadas (2000-2024), uma tendência linear de crescimento das exportações (apenas com algumas interrupções), que é acompanhada pela das importações.

O setor do calçado evoluiu não só na dimensão económica, mas assumiu um compromisso claro com a sustentabilidade, através da aposta no uso eficiente de recursos, na circularidade, na digitalização e na rastreabilidade dos materiais. O “Plano de Ação do Cluster do Calçado para a Sustentabilidade” reforça este compromisso com a definição de várias ações que incluem elementos centrais para uma transição para um Bioeconomia Circular e Sustentável, como o desenvolvimento de novos materiais de base biológica com melhor desempenho ambiental, que possam substituir os de origem fóssil, metodologias inovadoras de ecodesign ou ferramentas para assegurar a rastreabilidade dos seus produtos.

Também face ao potencial de desenvolvimento na área da Bioeconomia, o setor do calçado foi, a par com os setores do têxtil e vestuário e da resina natural, identificado como um dos setores prioritários do Plano de Ação para a Bioeconomia Sustentável – Horizonte 2025. Este Plano, coordenado pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), que verá o seu horizonte temporal ser prorrogado até 2030, tem por objetivo acelerar a transição da economia portuguesa para um modelo de bioeconomia sustentável e circular. Ao nível das ações setoriais previstas, o Plano enquadra os Projetos Integrados que decorrem da Componente 12 do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). Estes projetos contam com uma dotação global de 145 milhões de euros e destes, 41 milhões de euros especificamente para o setor do calçado, envolvendo parceiros-chave – empresas, universidades, centros tecnológicos, entre outros.

No âmbito do Projeto Integrado BioShoes4All – Inovação e capacitação da fileira do calçado para a bioeconomia sustentável, do PRR, o setor já desenvolveu cerca de 30 novos produtos com melhor desempenho ambiental, 15 novas linhas piloto industriais com provas demonstradas já em ambiente operacional e estabeleceu diversos protocolos de simbiose industrial com outras entidades contribuindo em simultâneo para um outro desígnio nacional, o da transição para uma Economia Circular.

Neste domínio, a APA, numa iniciativa conjunta com a Direção-Geral das Atividades Económicas, desenvolveu o projeto de Plano de Ação para a Economia Circular 2030, que visa implementar um modelo de desenvolvimento económico e social regenerativo, eficiente, produtivo e inclusivo, assumindo o compromisso de colocar Portugal na senda de uma economia mais circular, mais sustentável e mais resiliente, aproximando o nosso país dos índices de circularidade da União Europeia (UE).

Assinale-se que o novo ato legislativo europeu sobre economia circular (Circular Economy Act), o qual será previsivelmente adotado até ao final de 2026, representa uma oportunidade para reforçar e ampliar os esforços já em curso em Portugal, criando um quadro europeu mais harmonizado, simplificado e orientado para resultados, potenciando a transição para uma economia verdadeiramente circular, competitiva e resiliente, com o qual, estou certo, as prioridades nacionais gizadas estarão alinhadas.

Este novo ato legislativo e a futura estratégia de Bioeconomia da UE, que se espera ser apresentada no final deste ano, bem como os desenvolvimentos homólogos nacionais, desempenharão um papel decisivo e estrutural, constituindo uma oportunidade para a indústria do calçado alavancar, de uma forma ainda mais efetiva, a sua transição para uma economia circular e plena assunção da bioeconomia sustentável, reforçando a sua competitividade global e afirmando/confirmando Portugal como um país criador e inspirador de moda sustentável e inovadora também neste setor estratégico.

A aplicação destes instrumentos reforça de forma clara o compromisso assumido pelo setor no que respeita à redução da produção e gestão de resíduos, demonstrando uma aposta sustentada de evolução na hierarquia de gestão de resíduos.

Constitui, assim, minha convicção que a indústria portuguesa do calçado deverá continuar a apostar na sofisticação, na diferenciação e na qualidade, não descurando a qualificação dos seus colaboradores, assegurando que a sustentabilidade ambiental é parceira da sustentabilidade financeira. O desenvolvimento de novas matérias-primas e de novos produtos com melhor desempenho ambiental deve ser visto como uma oportunidade para as empresas do setor, enquanto elemento diferenciador, numa sociedade cada vez mais exigente e desperta para as questões da sustentabilidade.

O sucesso alcançado até aqui pelo setor do calçado é fruto de uma concertação de esforços, tendo a APICCAPS desempenhado um papel fundamental neste desígnio. Cientes, contudo, de que o caminho a percorrer na prossecução dos objetivos já traçados é ambicioso, este é certamente um dos principais desafios que se colocam à APICCAPS e aos seus Associados nos anos vindouros.

Estou certo de que a experiência e solidez amplamente reconhecidas à APICCAPS, também pela organização a que presido, serão determinantes para um futuro de sucesso do setor do calçado em Portugal, que já assumiu como seu referencial e legado a economia circular.

É neste sentido que endereço à APICCAPS e aos seus associados as devidas felicitações pelos seus 50 anos de atividade e pelo relevante contributo que têm dado para a eficiência coletiva do setor.

Desejo-vos um caminho de continuidade na excelência do calçado português, elevando ainda mais a ambição nas questões da bioeconomia e circularidade do setor, em prol da herança que desejamos deixar às gerações futuras.

Domingos Ferreira Lopes

PRESIDENTE DO IEFP

MEIO SÉCULO DE ELEGÂNCIA E INOVAÇÃO: 50 ANOS DA APICCAPS

Em 2025, a APICCAPS assinala cinco décadas de dedicação ao setor do calçado português, um marco que transcende a mera celebração cronológica. É o reconhecimento de uma trajetória marcada pela resiliência, pela inovação e pela afirmação internacional de uma indústria que se tornou símbolo de excelência e identidade nacional.

Fundada em 1975, num contexto de transformação económica e social, a APICCAPS emergiu como força agregadora de um setor então fragmentado, mas repleto de potencial. Desde os seus primeiros planos estratégicos a associação definiu uma visão clara: modernizar, qualificar e internacionalizar o calçado português.

DA TRADIÇÃO À VANGUARDA

Ao longo dos anos, a indústria portuguesa de calçado evoluiu de uma produção artesanal para um modelo altamente tecnológico e sustentável. Com mais de 80 milhões de pares produzidos anualmente, Portugal exporta cerca de 95% da sua produção para mais de 170 países, posicionando-se como um dos líderes mundiais em qualidade e design.

A APICCAPS foi protagonista nesta transformação, promovendo campanhas como “Portuguese Shoes: The Sexiest Industry in Europe”, que projetaram a imagem do setor para o mundo. A aposta na moda, na inovação e na formação profissional – em parceria com centros como o CFPIC – consolidou uma reputação que hoje é sinónimo de sofisticação e competência.

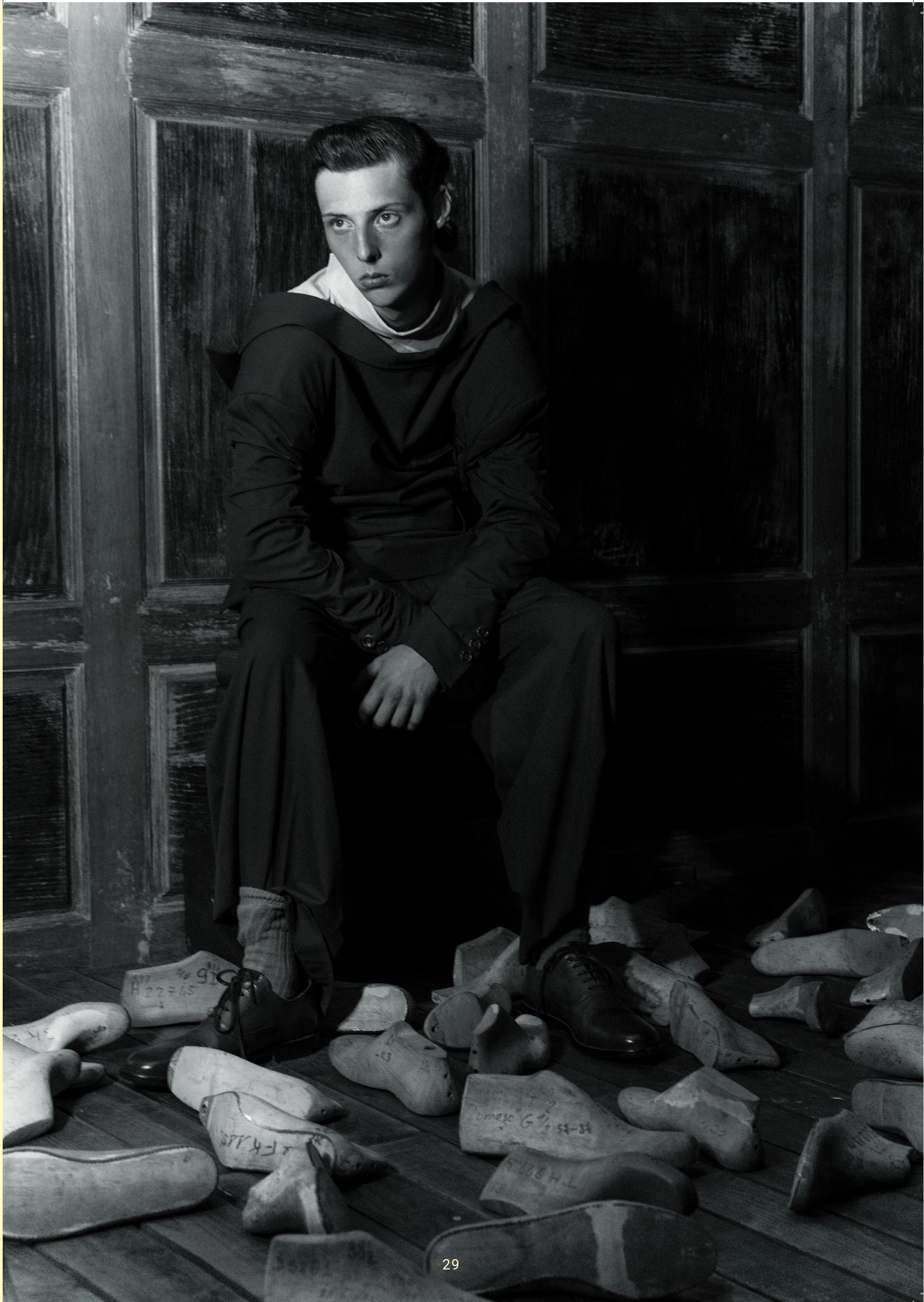
O FUTURO EM PASSOS FIRMES

A celebração dos 50 anos é também um momento de reflexão sobre os desafios futuros. A sustentabilidade, a digitalização e a valorização do saber-fazer são pilares estratégicos para a próxima década. A APICCAPS continuará a ser catalisadora de projetos como o Programa Qualifica Indústria, que visa reforçar competências e preparar o setor para novas exigências globais.

Mais do que uma efeméride, este aniversário é um tributo à coragem dos empresários, à criatividade dos designers, à perícia dos artesãos e à visão estratégica de uma associação que soube caminhar lado a lado com a história de Portugal.

A APICCAPS representa, ao longo destes 50 anos, muito mais do que uma associação empresarial. Representa uma visão estratégica para o país, uma capacidade de mobilização coletiva e uma afirmação da identidade portuguesa no mundo. Como Presidente do Conselho Diretivo do Instituto do Emprego e da Formação Profissional, IEFP, IP, parceiro no CFPIC – Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado, bem como nas anteriores funções ligadas à execução do FSE em Portugal, tenho acompanhado de perto o impacto que esta associação tem tido na valorização do saber-fazer nacional, na criação de emprego qualificado e na promoção da inovação.

A APICCAPS é um exemplo de como o setor privado pode ser motor de desenvolvimento, e é com orgulho que felicito todos os que contribuíram para este percurso notável. Que os próximos 50 anos sejam ainda mais ambiciosos, sustentáveis e inspiradores.









50
anos